



**ENTENDER  
O LUGAR**

EMBAIXADA  
DE PORTUGAL  
EM BRASÍLIA

**ENTENDER  
O LUGAR**

EMBAIXADA  
DE PORTUGAL  
EM BRASÍLIA

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
www.incm.pt  
www.facebook.com/INCM.Livros  
prelo.incm.pt  
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Autores  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

#### TÍTULO

##### **Entender o Lugar**

Embaixada de Portugal em Brasília

#### TEXTOS

Augusto Santos Silva  
Jorge Figueira  
Luciano Margotto

#### FOTOGRAFIA

Joana França

#### DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Arquivo Público do Distrito Federal (p. 15),  
Direção-Geral do Património Cultural/Sistema  
de Informação para o Património Arquitectónico  
(SIPA) (pp. 4, 12-13, 17, 32-33).

#### ORGANIZAÇÃO

Alexandra Pinho

#### EDIÇÃO

Paula Mendes (Imprensa Nacional)

#### DESIGN GRÁFICO E CAPA

Rita Múrias

#### IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

#### 1.ª EDIÇÃO

Agosto de 2019  
ISBN: 978-972-27-2799-0  
Depósito Legal: 459299/19  
Edição n.º 1023448

#### AGRADECIMENTOS

Cátia Taveira Martins, Jorge Cabral, Luan Henrique  
Silva Bastos e Sylvia Ficher.

«Flores para Brasília: a Embaixada de Portugal»  
foi escrito no âmbito do projeto de investigação  
(EU)ROPA – Rise of Portuguese Architecture,  
de que o autor é Investigador Responsável,  
financiado pelo FEDER – Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional através do COMPETE  
2020 – Programa Operacional Competitividade  
e Internacionalização (POCI) e pela FCT – Fundação  
para a Ciência e a Tecnologia. Projeto 030492.  
Referência: POCI-01-0145-FEDER-030492.



**Prefácio,** 7

AUGUSTO SANTOS SILVA

**FLORES PARA BRASÍLIA:  
A EMBAIXADA DE PORTUGAL,** 13

JORGE FIGUEIRA

**NATUREZA, RITMO E VOZES,** 35

LUCIANO MARGOTTO

**ENSAIO VISUAL,** 47

JOANA FRANÇA

**RAÚL CHORÃO RAMALHO,** 77





## **FLORES PARA BRASÍLIA: A EMBAIXADA DE PORTUGAL**

JORGE  
FIGUEIRA

I.

Estamos num lugar emblemático do século XX. Brasília, a capital do Brasil inaugurada em 1960, segundo o Plano Piloto de Lúcio Costa e arquitetura de Oscar Niemeyer, representa uma página nova da história do Brasil. Para a história da arquitetura, Brasília é o culminar absoluto de um pensamento que podemos fixar no Iluminismo, quando Claude Nicolas Ledoux projeta as Salinas de Arcet-Senans e a cidade ideal de Chaux: a ideia de que a Razão em arquitetura pode levar o Homem para um «Espírito Novo». A teoria de Rousseau do «bom selvagem» liga esta experiência às várias utopias socialistas do século XIX, de Robert Owen a Charles Fourier, e tem no desenho da Cidade Industrial, de Tony Garnier, já no século XX, uma primeira proclamação contundente: zoneamento, higienismo, planeamento... «urbanismo», afinal. É essa a teoria que Le Corbusier vai testar metodicamente, em abstrato (Ville Contemporaine, Ville Radieuse) ou, na prática, sobre Paris (Plan Voisin).

A aspiração de levantar a «cidade moderna», de consumir o «urbanismo», não se faz no Velho Continente senão a espaços, por fragmentos. Depois da Segunda Guerra Mundial, a cidade nova fica relegada para as Unidades de Habitação, a de Marselha em particular. O plano para Chandigarh, na Índia, é a exceção que Le Corbusier tomará em mãos.

Mas o clima é inevitavelmente o da reconstrução, o da religação: do necessário regresso a «rue-corridor» sobre a qual Le Corbusier tinha traçado uma cruz definitiva.

O Brasil é outra história; a arquitetura moderna é o corpo que toma como seu, para avançar no século XX como país do futuro. Mas para concretizar o futuro é necessário uma constelação de acasos. Brasília é esse lugar mágico, também no sentido de ilusório, fantasmático, onde o impossível acontece. Entre Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, temos a autoridade, a cultura, e o projeto. Até em cada um deles. Falhando qualquer das partes deste ato demiúrgico, Brasília seria espectral, construída ou não.





2.

Não se entra no edifício da Embaixada de Portugal em Brasília, de Raúl Chorão Ramalho, sem ter esta história em mente. Brasília, que surge do quase nada, no Planalto Central, tem, no momento da inauguração, o peso de uma história longa que nos leva até ao «urbanismo» no século XX, e é por isso expressão coletiva que transcende o Brasil, instantâneo património da humanidade, mais tarde, em 1987, reconhecido como tal pela UNESCO. A ambição, a ousadia, as contradições, os sucessos e falhanços de Brasília são a expressão do humano do nosso tempo, num dos epicentros do século XX: voluntarismo quase loucura; pioneirismo quase infantil; saber histórico e progressista; responsabilidade e dignidade em ato experimental.

É uma felicidade que a Embaixada de Portugal, localizada em lote privilegiado, com 37 500 m<sup>2</sup>, a sul do Eixo Monumental, seja um edifício e uma paisagem que contribuem para o lugar patrimonial de Brasília. Não por mimetizar o gesto menino de Oscar, o que não seria sensato, nem por lembrar o rasgo da arquitetura moderna brasileira que os arquitetos portugueses passaram a admirar loucamente a partir do catálogo da exposição *Brazil Builds* (MoMA, 1943).

O edifício de Chorão Ramalho surge na continuidade das suas múltiplas experiências em Portugal, em edifícios públicos, e colhe já a experiência tropical da construção da Escola Pedro Nolasco, em Macau (atualmente Escola Portuguesa). Como é seu timbre, Chorão Ramalho adapta a sua vasta experiência a um programa sem dúvida singular e de grande responsabilidade, sem no entanto se desviar do sentido cívico, algo austero, pouco efusivo, que caracteriza normalmente a sua arquitetura. A precisão estrutural permite-lhe um jogo de volumes que, no entanto, aqui é contido; a marcação enfática de linhas horizontais segue as premissas de um primeiro Frank Lloyd Wright, ou talvez de um Alvar Aalto mais «racionalista»; em qualquer caso, dois arquitetos seguidos com admiração pelos portugueses.

Mas para lá da tarimba, do ofício, da ética do arquiteto tão sublinhada pelos colegas de Chorão Ramalho, o edifício da Embaixada precisava de





# NATUREZA, RITMO E VOZES

LUCIANO  
MARGOTTO

Gostava de escrever sobre arquitectura como só sabem os poetas que não são críticos nem arquitectos, são investigadores/artesãos que buscam a essência e lhe dão forma. Não entendem, ou nem dão por isso, de cronologias, técnicas ou funções e, menos ainda, de relações explicativas de enquadramento cultural e, menos ainda, filosófico.<sup>1</sup>

Alexandre Alves Costa

O que primeiro surpreende no conjunto arquitetônico da Embaixada de Portugal em Brasília é o reconhecimento de um ambiente preexistente, certa espacialidade paisagística, espécie de vínculo externo e anterior ao edifício, fértil em sugestões. Se a primeira condição de simplicidade em arquitetura é consentir que o «edifício ame o solo sobre o qual se levanta»<sup>2</sup>, a chancelaria portuguesa não deixa sombra de dúvidas sobre a riqueza de seus sentimentos em relação ao Brasil.

Os jardins alagados que espelham as fachadas habitadas da chancelaria emocionam porque neles se percebem rapidamente uma inteligência e um gesto em ação. Por um lado, há a progressiva realização de certa tradição árabe, ou mediterrânea, que corrige a secura atmosférica do planalto central; por outro, é notável o desenho orgânico de uma solução que se apresenta para além e sob a simples técnica climática. Disso decorre um diálogo entre mundos, intermediado pela cultura, permeável aos dois países e às suas histórias arquitetônicas.

Seguindo pelos espaços de transição entre o exterior e o interior, o conjunto divide-se bem em seu módulo central para ofertar a quaisquer convidados, ilustres ou não, uma grande plataforma de acolhimento. Essa segunda praça de entrada, coberta, espécie de antessala ainda do lado de fora do edifício, confirma que a arquitetura começa no espaço exterior, na paisagem. A dimensão pública da obra, diga-se de passagem, já está revelada. Depois disso, pode-se dizer que a chancelaria apresenta-se entre a naturalidade de um grande corpo marcado pela horizontalidade dos pavimentos – ora soerguido, ora encaixado à topografia –, e a

<sup>1</sup> Alexandre Alves Costa, «Escandalosa Artisticidade», in Jorge Figueira (ed.) et al., *Álvaro Siza. Modern Redux*, Catálogo da Exposição, São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 33.

<sup>2</sup> F. L. Wright citado por Luís Antônio Jorge em «O seco e a simplicidade orgânica», in Luís Antônio Jorge, *O Espaço Seco: Imaginário e Poéticas da Arquitetura Moderna na América*, São Paulo: Tese de Doutorado apresentada à FAUUSP, 1999, p. 25.

identificação de vazios – pátios e varandas –, diversificados em escala e intensidade de luz. É como se houvesse a intenção de intercalar zonas de sombra e brilho, criando espessuras tectônicas e uma vibração entre os planos de fachada.

A partir daí tudo é arquitetura, o que equivale a dizer tudo é pormenor. Nesta obra, em qualquer instante o universal se pode reduzir e condensar na experiência do particular. De perto e por todos os lados, veem-se pilares duplos, pontas soltas de vigas – também dobradas ou únicas –, lajes projetadas, jardineiras e palas em balanço, sempre em concreto aparente, com deliberada marcação da modulação e das uniões, revelando princípios de pré-fabricação. Percebem-se, rapidamente, marcas inequívocas de que se está diante de uma questão de linguagem. A ênfase é o ritmo. A métrica é simples e legível: enquanto nove módulos definem o sentido longitudinal com intercolúnio de oito metros, apenas três partes são suficientes para delimitar o transversal do edifício, sendo um vão central com doze metros e dois laterais com cerca de sete.

Com efeito, o princípio fundamental que preside a composição é a disciplina construtiva, cuidadosamente controlada entre a austeridade da contenção da linguagem plástica e a liberdade do desenho, assentida por alguma tradição do ornamento.

Internamente, pode-se dizer que a edificação apresenta planta regular simples na qual sobressai, além dos vazios escavados, um sistema de circulações que proporciona grande fluidez aos espaços. Percursos em circuito compõem uma espécie de circularidade marcante no uso da obra. Tudo é desenhado: escadas não dispensam os gentis *convites*, degraus ampliam-se em patamares, que por sua vez só se completam com significativos painéis de azulejos<sup>3</sup>, cada guarda-corpo é único e contextualizado em seu ambiente, alegretes tornam-se bancos – marquesas – junto aos pilares, pérgulas, caixilharia, e mais estrutura. Encantam as vigas que transgridem a rigorosa trama ortogonal da estrutura de concreto aparente para inventar a luminária sobre a escada central do edifício. A estrutura dobra-se à luz.

Fernando Pessoa escreveu: «Para mim os pormenores são coisas, vozes, letras»!<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Aqui caberia um capítulo à parte. Cumpre-se a síntese das artes: dos azulejos e do baixo-relevo moldado em concreto na entrada do vestibulo principal de Querubim Lapa, aos pisos de pedra calcária e basáltica – tradicional calçada portuguesa – com desenhos de Espiga Pinto, passando pelas pinturas de João Abel Manta, Sá Nogueira e Guilherme Camarinha, nos interiores, e esculturas externas de José Aurélio e Lagoa Henriques.

<sup>4</sup> Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego: Composto por Bernardo Soares, Ajudante de Guarda-Livros na Cidade de Lisboa*, org. de Richard Zenith, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 282.







## JORGE FIGUEIRA

Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (1992) e doutorado pela Universidade de Coimbra (2009). É professor associado e foi diretor do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC (2010-2017). Investigador e vice-presidente do conselho científico do Centro de Estudos Sociais, UC. Professor convidado do Programa de Doutorado em Arquitetura da FAUP. Foi pesquisador visitante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2018) e professor convidado da Escola da Cidade, São Paulo (2018, 2016, 2012). Autor de *A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa. Anos 1960-1980* (Lisboa: Caleidoscópio, 2015). Curador das exposições Álvaro Siza. Modern Redux, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2008), e Físicas do Património Português. Arquitetura e Memória, Museu de Arte Popular, Lisboa (2018-2019).

## LUCIANO MARGOTTO

Arquiteto e Urbanista (1989), mestre (2001) e doutor (2016) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professor de Projeto de Edificações desde 1994, atualmente leciona na FAUUSP desde 2018, e na FAU Mackenzie desde 2002. Professor associado da Escola da Cidade, São Paulo, e colaborador desde sua fundação.

Recebeu prêmios por projetos e obras construídas, destacando-se os concedidos ao Terminal da Lapa em São Paulo e à Sede do SEBRAE Nacional em Brasília – DF. Foi um dos fundadores do escritório Núcleo de Arquitetura e sócio-diretor (1988-2010). Fundou e dirige, desde 2010, o escritório REPUBLICA Arquitetura.

## JOANA FRANÇA

Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Brasília (2003), estudou fotografia no International Center of Photography, em Nova Iorque. Desde então dedica-se à fotografia de arquitetura e de cidades.

Trabalha em parceria com arquitetos e editoras na documentação da recente produção arquitetônica brasileira e de seu patrimônio moderno.

Entre outras publicações, fotografou para o *Guia das Obras de Oscar Niemeyer — Brasília 50 Anos*, editado pela Câmara dos Deputados e pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, e em 2011 produziu o guia de arquitetura de Brasília criado para o 9.º Seminário Internacional DOCOMOMO. Internacionalmente, colaborou com o *Architectural Guide Brazil*, da editora alemã Dom Publishers (2013).

# ENTENDER O LUGAR

EMBAIXADA  
DE PORTUGAL  
EM BRASÍLIA

Para lá da ética do arquiteto tão sublinhada pelos colegas de Chorão Ramalho, o edifício da Embaixada de Portugal precisava de um estado de graça – por ser o Brasil, por ser Brasília –, e é isso que sentimos logo ao cruzarmos o portão de entrada. Dentro das suas paredes contidas há uma dança de planos e linhas; na superfície «brutalista» do concreto aparente há também uma suavidade decorativa; no seu resolutivo volume há uma espacialidade interior que é inesperadamente acolhedora. O edifício dialoga com a paisagem e conta-nos muitas histórias entrelaçadas que vão estabelecendo um encantamento arquitetónico.

Jorge Figueira

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



EMBAIXADA DE PORTUGAL  
BRASIL

**90** ANOS **C** CRMÕES  
INSTITUTO  
DA COOPERAÇÃO  
E DA LINGUA  
PORTUGAL

ISBN 978-972-27-2799-0



9 789722 727990